



## **ANÁLISE DA OBRA DOM CASMURRO COM FOCO NO COMPORTAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XIX COMO REFLEXO DOS COMPORTAMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS**

ALANNA NAYARA VIEIRA LIMA

### **RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a obra Dom Casmurro, criada por Machado de Assis, com intuito de dar voz à personagem Capitulina (Capitu) por meio da análise das falas do personagem narrador-protagonista Bento Albuquerque Santiago (Bentinho). A polêmica que circula entre os leitores da obra é se a suposta traição narrada pelo protagonista de fato aconteceu ou não. A forma como a situação é exposta na obra leva muitos a crer que sim, ele foi traído, porém, é apresentada apenas uma versão da história, a da possível vítima de adultério, sem fatos concretos que comprovem o ato, apenas suposições de um homem que desde os primórdios da obra revela-se ciumento, tornando a história inconclusiva, permitindo que existam lacunas que apenas o autor poderia preencher adequadamente. Esta análise tem por finalidade dar aos leitores da obra novas visões sobre o livro e trazer reflexões sobre como o ser humano tem se portado na atualidade com inúmeras questões semelhantes às descritas pelo autor, como por exemplo, o julgamento precipitado sobre assuntos apresentados por terceiros ou mesmo por quem se diz vítima de determinado acontecimento. Será levada em consideração a época em que a obra foi escrita, a forma como a mulher era vista e possíveis problemas comportamentais do personagem principal que influenciaram suas atitudes. Dom Casmurro é uma obra clássica escrita de forma Genial, que apesar do período da sua criação, seus questionamentos ultrapassam gerações, estimulando diferentes formas de pensar sobre as relações contemporâneas e contribuindo para possíveis evoluções desses pensamentos.

**Palavras-chave:** Dom Casmurro; Machado de Assis; comportamentos contemporâneos; sociedade; Capitu.

### **1 INTRODUÇÃO**

O Jornalista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (Machados de Assis), nascido no Rio de Janeiro- RJ, em 21 de junho de 1839, lançou em 1899, já com sessenta anos, o livro Dom Casmurro. Na obra o narrador, que também é um dos personagens criados pelo autor, conta sua história desde a infância até a vida adulta com enfoque na trajetória do seu romance com capitulina, desde antes de se apaixonarem até quando ele deixou de ama-la por consequência de um suposto triângulo amoroso que ele acredita piamente que ocorreu.

A forma como o personagem Bentinho se apresenta no livro como vítima e como foi acolhido por muitos dos leitores, julgando como verdade absoluta seu posicionamento, traz a reflexão sobre como pessoas reais têm enfrentado julgamentos da sociedade por sua forma de agir, se vestir ou mesmo pelo comportamento desinibido, assim como a personagem Capitu.

O objetivo desta pesquisa é analisar a obra de Machado de Assis e observar o que mudou e como atitudes das pessoas em séculos passados ainda refletem nos comportamentos sociais atualmente.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Com o interesse em analisar como atualmente o apoio de muitos ao personagem Bentinho pode ser um reflexo do comportamento da época em que o livro foi escrito, foi realizada uma pesquisa bibliográfica usando o livro Dom Casmurro e artigos em que também foram feitas análises da obra, e análise documental realizada por meio de verificação do código penal do período em que o livro foi escrito, além de averiguar o comportamento das pessoas da época por meio de artigos que apresentam esses pontos históricos.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro Dom Casmurro é um clássico da Literatura brasileira, muito conhecido pela grande polêmica que o rodeia, Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Por acompanhar as falas do personagem narrador, é compreensível que muitos acreditem que sim, porém a análise mais detalhada da obra coloca em dúvidas se isso realmente aconteceu ou apenas o personagem é ciumento e paranoico.

É preciso levar em consideração a época em que o livro foi escrito, pois esse aspecto influencia no comportamento dos personagens. Em 1899, ano do lançamento da obra, o país estava no período em que foi chamado pela história de Brasil república. Neste período a sociedade e até mesmo as leis privilegiavam cidadão do sexo masculino, resumindo as mulheres à vida de submissão ao marido, cuidados com o lar e vida religiosa.

A conduta das jovens devia ser irrepreensível, antes e depois de casar-se. Quanto mais discreta, mais honrada. Enfeitar-se apenas para o marido e, mesmo com este, o pudor nas relações devia ser mantido, manter-se sobre a proteção masculina, seja do pai, irmão, avô, marido ou outro tutor era necessário e qualquer desvio nestas condutas podia classificar a mulher como desonesta ou sem honra” (ESTACHESKI.2010; *apud* AZEVEDO,2012, p.435).

O código penal da época punia mulheres adúlteras com prisão de até três anos. Essa mesma punição servia para o homem, apenas em caso deste sustentar a amante, caso contrário o comportamento era aceitável.

### CAPITULO IV DO ADULTERIO OU INFIDELIDADE CONJUGAL

Art. 279. A mulher casada que commetter adulterio será punida com a pena de prisão cellular por um a tres annos.

§ 1º Em igual pena incorrerá:

1º O marido que tiver concubina teuda e manteuda; 2º A concubina;

3º O co-réo adúltero.(PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL, DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890, revogado)

Dessa forma, é compreensível que a personagem não tenha voz na obra, pois não era comum que a mulher questionasse a superioridade masculina, seus pensamentos ou mesmo comportamentos, fazer isto era considerado desrespeito. O comportamento da sociedade nessa época pode influenciar a forma como muitos acreditam que as falas do personagem seja a verdade absoluta, pois na atualidade ainda existe resquícios da sociedade em que o livro foi escrito.

Bentinho desde menino mostrava-se inseguro e influenciável, isso é perceptível durante toda a narrativa. A primeira mais importante demonstração dessa insegurança ocorre quando no capítulo III, Bentinho escuta José Dias falar à D. Glória sobre a possibilidade de haver sentimentos românticos entre Capitu e Bentinho, o que atrapalharia sua ida para o

seminário (ASSIS, 2019. p.12, cap.III). Só no capítulo XII é que Bento deu conta da possibilidade de isso acontecer, lembrando-se das palavras de José Dias ficou nervoso, e em dúvidas de seus sentimentos e que ao fim dos seus pensamentos confirma que só foi despertada sua paixão por Capitulina por influência do agregado “Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo (...). Eu amava Capitu! Capitu amava-me” (ASSIS, 2019. p.25, cap. XII). Assim, fica claro que Bentinho não tinha sentimentos românticos por Capitu, o que ficou evidente foi como ele era facilmente influenciável.

Em alguns momentos fica claro a possessividade do personagem, um desses momentos, por exemplo, foi quando já no convento, perguntou a José Dias como estava Capitu e a resposta do homem foi – “Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha”. As poucas falas do homem foram suficientes para que lhes despertasse pensamentos agressivos para com Capitu, apenas por concluir que, por ela não transparecer a outros que estava com saudade dele, já o havia trocado por algum “peralta”.

(...) A alegria de Capitu confirmava a suspeita; se ela vivia alegre é que já namorava a outro, acompanhá-lo-ia com os olhos na rua, falar-lhe-ia à janela, às ave-marias, tocariam flores e... (...) Depois de estremecer, tivesse o ímpeto de atirar-me pelo portão a fora, descer o resto da ladeira, correr, chegar à casa do Pádua, agarrar Capitu e intimar-lhe que me confessasse quantos, quantos, quantos já lhe dera o peralta da vizinhança. (ASSIS, 2019. p.95, cap.LXII).

Com essas palavras, Bentinho esperava que Capitu vivesse triste para demonstrar que sentia saudades, porém ele mesmo não tinha este comportamento para que ficasse evidente o quanto sentia falta dela. Outro momento em que ele demonstra ciúmes está no capítulo LXXIII, quando Bento estava debaixo da janela de Capitu e passou um cavaleiro e logo em seguida outros, todos iam ao encontro de suas namoradas, porém um deles chamou sua atenção, pois olhou para Capitu e, segundo ele, ela também o fez (ASSIS, 2019. p.109, Cap. LXXIII). Bentinho afirma que Capitu e o cavaleiro se olharam, porém quem “voltou a cabeça” para olhar na direção de Capitu, foi o cavaleiro, assim não há indícios de que os olhares tenham sido flertes da parte de Capitu.

O leitor pode observar características egoístas na personalidade do personagem, por exemplo, quando ao saber que sua mãe encontrava-se doente, deseja a morte da própria genitora para que possa assim se livrar da promessa feita por ela de coloca-lo no seminário, e então ficar livre para viver sua paixão. “Mamãe defunta, acaba o seminário” (ASSIS,2019. p.101).

Após o casamento do casal, vem o filho Ezequiel, e em alguns capítulos do livro, Bentinho destaca a semelhança na aparência entre seu filho e Escobar e muitos entendem que por Ezequiel não ter nenhum grau de parentesco com Escobar e por outras pessoas também notarem a semelhança entre eles, justificaria a suposta traição de Capitu. Porém, no capítulo oitenta e três, o pai de Sancha mostra uma foto de sua falecida esposa a Bentinho e pergunta a ele se Capitu parece com a mulher do retrato, ele confirma que parece, o pai de Sancha, então diz que “as pessoas que a conheceram diziam a mesma coisa” (ASSIS, 2019. p.210, 211. Cap.83). Precisa ser levado em conta que Capitu e a mãe de Sancha não eram parentas, no entanto, a semelhança entre as duas era notada por todos que conheceram a mãe de Sancha. Não apenas na aparência, mas também na personalidade, pois o próprio pai de Sancha afirma que “quanto ao gênio, era um; pareciam irmãs” (ASSIS,2019. p.211, Cap.83). Posto isto, não é possível justificar a possível traição de Capitu apenas por Ezequiel e Escobar se parecerem.

A amizade de Bento e Escobar é outro aspecto da obra que chama a atenção. Em alguns pontos é perceptível a aproximação excessiva dos dois para a época, pois não eram aceitas relações homoafetivas. O relacionamento pode ter sido camuflado pelo autor, pois ele

próprio fazia parte dessa sociedade em que os personagens estavam inseridos.

A República é parida através de um golpe de estado e com ela as promessas de uma nova organização social (que continuaram as mesmas), o poder continua centralizado na mão das elites nacionais, e com todos esses grandes acontecimentos se fez nascer uma nova lei penal, assim como aconteceu com a constituição (1891). Com isso, indígenas, negros e membros dos grupos LGBTQ+ continuaram a ser marginalizados e o estado elabora meios legais para punir e proibir tais práticas. As lutas por direitos civis e sociais não conseguiram crescer e florescer nesse período, pois mesmo com essas grandes mudanças, a maioria das classes sociais mais marginalizadas ou imorais, continuaram a serem consideradas uma “vergonha” para as elites dominantes. (BELIN, 2020, P.7)

A emotiva relação dos dois chama a atenção não apenas do leitor, mas também de Capitu, isso fica claro quando após uma visita à família, Escobar e Bentinho se despedem com muito afeto, esse momento desperta o interesse de Capitu sobre a amizade dos dois.

Escobar despediu-se logo depois do jantar; fui leva-lo à porta, onde esperamos a passagem de um ônibus. (...) Separamo-nos com muito afeto: ele, de dentro do ônibus, ainda me disse adeus, com a mão. Conservei-me à porta, a ver se, ao longe, ainda olharia para trás, mas não olhou. (...) Era Capitu que nos espreitava desde algum tempo (...). Viu as nossas despedidas tão rasgadas e afetuosas, e quis saber quem era que me merecia tanto. (ASSIS,2019. p.107, cap.LXXI).

Segundo Moriconi (2008) “Não são poucos os leitores de *Dom Casmurro*, assim como alguns críticos, que veem na relação entre os dois um conteúdo homoerótico”. Dessa forma, fica mais essa incógnita na obra, se Bentinho sentia-se mais ofendido pela possibilidade de a suposta traição ter vindo por parte de sua esposa, por quem muitas vezes é demonstrado mais possessividade que amor, ou de seu amigo, com quem os sentimentos afetivos eram claramente mais fortes, ou mesmo ambas as possibilidades.

A suspeita de Bento sobre a suposta traição ocorre depois da morte de seu amigo, por achar que o olhar de Capitu para o defunto fosse de paixão e até mesmo que suas lágrimas não fossem de tristeza pela perda trágica da pessoa de seu convívio, mas sim pelo sentimento romântico que ele acreditou naquele momento que existia. “(...) Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas”. (ASSIS, 2019. p.167, cap. CXXIII).

É interessante notar que o próprio Bento um dia antes da catástrofe citada acima, no capítulo CXVIII, flertou com a esposa do seu amigo. É possível que isso o tenha feito pensar na possibilidade que sua esposa já tenha tido o mesmo comportamento. Só então, a partir desses acontecimentos é que as semelhanças entre seu filho e Escobar, que nunca lhe despertou qualquer malícia, começou a incomoda-lo.

Capitu, seu comportamento, suas reações, tudo nos é mostrado através do olhar de outro personagem que tenta provar que a Capitu era uma mulher infiel, quando na verdade é evidente que ele é possessivo e ele próprio demonstrou o comportamento infiel que era aceito pela sociedade, desde que o adúltero fosse homem.

Na narrativa é possível notar o egoísmo e a falta de compaixão, não só por ter desejado a morte de sua mãe para benefício próprio, como já citado, mas também, quando já adulto, por preparar veneno para cometer suicídio e ao ver Ezequiel, desistir de se matar para matar o menino, apenas por acreditar que aquela criança fosse filho de Escobar e não seu.

(...) Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas vá lá, diga-se tudo. Chamem-me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a

Ezequiel se já tomara café. (ASSIS, 2019.Cap. CXXXVII)

Essa análise levanta dúvidas se é realmente confiável acreditar na afirmação do personagem, quando expõe Capitu como adúltera, pois se trata de um personagem emocionalmente instável e facilmente influenciável por outros ou pelo momento e com privilégios que poderiam colaborar com essas características. Outro motivo pelo qual é difícil acreditar nas acusações feitas à Capitu, é principalmente porque a personagem não tem voz na obra, todas as suas falas são apresentadas por Bentinho. A forma como os julgamentos são feitos por muitos leitores à Capitu, com base apenas nas acusações feitas pelo narrador, sem qualquer evidência sólida, demonstra a forma as pessoas são julgadas na atualidade também fora da literatura, e como ainda é cultural no país a “soberania” masculina.

#### 4 CONCLUSÃO

Ficou claro nessa pesquisa que a forma como a mulher é vista pela sociedade atualmente, apesar de ter ocorrido muitas mudanças, ainda traz elementos de séculos passados, pois muitos leitores da obra acreditam que Bentinho fala a verdade, mesmo ficando evidente em vários momentos que sua narrativa não é confiável. Esse pensamento é muito forte na contemporaneidade, pois os mesmos leitores que defendem as falas de Bentinho como verdade, podem ter a mesma atitude quando se tratar de uma mulher real. A ideia de que a mulher tenha o potencial para ser adúltera apenas por seu jeito natural desinibido, ou seu olhar, assim como a personagem Capitu, é um reflexo da história, em como a mulher deveria se comportar nos séculos passados.

O livro não possui falas de Capitu em que ela se defenda, justifique suas atitudes ou mesmo confirme qualquer das afirmações feitas por Bentinho, nem mesmo as falas de outros personagens podem ser encaradas como verdades plenas, pois quem as narra é Bentinho, um personagem que por muitas vezes teve comportamentos e falas duvidosas, além de ser um personagem de uma época em que homem sempre tinha razão, independentemente de estar certo ou não. Portanto suas falas sobre os outros personagens podem estar cheias de ciúmes e desconfianças de muitos anos, querendo apontar essas falhas em Capitu. Dito isto, a forma como muitos leitores julgam esta personagem é um reflexo histórico de como a sociedade agia e que ainda é passado de geração para geração.

Outro ponto interessante a se destacar é que fora da ficção muitos tomam como verdade absoluta as falas de possíveis vítimas sem sequer analisar o outro lado da história. As pessoas, principalmente na internet, opinam sobre tudo e se tornam especialistas em tudo, sem qualquer entendimento real sobre determinadas questões, sem pesquisas aprofundadas e de fontes confiáveis. Apesar do Livro Dom Casmurro se tratar de ficção, a forma como apenas é lida sem qualquer aprofundamento histórico, documental ou bibliográfico e concluído com a resolução de que Capitu traiu Bentinho, só deixa evidente como muitos encaram assuntos relevantes para a sociedade, opinam, votam, decidem, julgam, sem qualquer senso de responsabilidade.

#### REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Lazuli editora, 2007.

BELÍN, MATEUS DE OLIVEIRA. **História da homossexualidade no Brasil: Abusos, perseguições, repressões e o avanço do movimento LGBT+**. Acesso 27/04/2023 Disponível em:

<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/16212/1/Matheus%20de%20Olivera%20TCC.pdf>

DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d847.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm)

ESTACHESK, D. de L. T.. **Da promessa ao processo: crimes de defloramento em Castro (1890-1916)**. 2010. Disponível em:  
<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/2.Dulceli.pdf>

MARICONI, I.. **Dom Casmurro: o claro enigma**. 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27887/19961>